

T 0660

ALEPH 2873

REY CLI 02

# QUARENTA GRAUS

(Especial para o "Correio do Povo")

REINALDO MOURA

Se alguma coisa merece um poema nesta labareda do mundo, será com certeza o sabonete. Verde e cheirando a selva, seu nome deve ser oásis. É apenas um momento, enquanto o corpo existe encantado de si mesmo sob a chuva intensa. Fechada a torneira, recuperada a temperatura do ambiente, voltamos à miséria física e moral do verão. Mas o sabonete foi um intervalo entre as estufas da estação. Ainda vai conosco, depois, ao longo da vida exasperada, ainda vai por um momento entre o tecido e o corpo, como a breve ilusão do aroma, uma coisa que deveria ser para sempre mas desaparece em meia hora de movimento. Deveríamos possuir um organismo mais perfeito, e os subprodutos da máquina flácida poderiam se evaporar em rosa, em violeta, em cheiro de ervas, conforme a inclinação fisiológica de cada temperamento. Mas a máquina carrega no seu interior o castigo. É lá de dentro que vem a sujeira da vida, e nos arrasa. O suor dos motores mais próximos da perfeição não existe, sempre uma válvula garantin-

do o exato equilíbrio do organismo metálico. Só os cavalos tem o suor abundante dos homens, nenhum outro bicho desce à nossa degradação íntima, enquanto no exterior continua aparentando elegância e aceitação da vida. Quarenta graus no Rio, cinquenta graus na zona do equador, o romance de Celine parando algum tempo na África para sentir esses cinquenta graus em torno da vida. Os homens se habituariam à sombra de sua pele negra. Mal respiram, a existência é uma combustão visível, um rápido fulgor que sobe e desaparece, sem nenhum sentido, como uma colônia de orquídeas por um momento ardendo na grande labareda. Imagine agora você, que está muito bem na sua vivenda e acaba de sair do chuveiro e bebeu em longo copo de água gelada, imagine agora essa gente lá em baixo perto do pântano, nas suas malocas; essa gente na encosta do morro sob latas de que-rozene, folhas de zinco, nos casebres ardendo, imagine essa gente sem água, essa gente sem banho, através dos dias de sol, das noites de febre, das pragas miudas que fermentam e vem à tona na sujeira. Certamente tudo é relativo. Tudo habitua. O homem é animal que se conforma, e se não fosse assim o mundo já estaria ardendo na sua tragédia final. Mas no verão, logo que a temperatura da fornalha começa, antes de entrar no hábito, o homem recebe o impacto e fica diferente de si mesmo. Vejam como ninguém pensa direito no calor insistente. Onde aquela lucidez a que aludia o poeta, e que só no inverno oferecia aos espíritos a presença essencial das coisas? Agora o único pensamento é o da fuga, a fuga é uma obsessão e se nos fosse possível ver com outros olhos a realidade invisível que nos cerca, agora mesmo estaríamos a contemplar um pouco acima dos homens qualquer coisa que flutua, que se ergue e procura fugir das proximidades da terra e dos corpos humanos, qualquer coisa como a parte mais íntima de nós mesmos, que procura ficar acima do corpo, como se não participassemos tão intimamente de nós mesmos, destes corpos que estão úmidos de suor, viscosos de temperatura, que estão se dissolvendo nesta degradação absurda. Voltamos mais uma vez ao sabonete, retornamos ao chuveiro. Realmente, isto parece um poema. Este sabonete verde com cheiro de ervas deveria se chamar oásis. Um poema, não há dúvida. É apenas por um momento esquecemos nossa condição humana. Somos inferiores aos gatos, que não suam. Somos menos favorecidos que as rãs, que estas, então, nem se fala... Somos uns pobres fantasmas perdidos num mundo que não foi feito especialmente para nós, e onde só as moscas parecem existir na sua indiscutível plenitude...